

AO HOMEM SELVAGEM

STROPHE 1.*

O homem, que fizeste ? Todo brada;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,
A liberdade em ferro se vê presa,
E a pallida tristeza
Em teu rosto espazida desfigura
Do Deus, que te creou, a imagem pura.

ANTISTROPHE 1.*

Na cithara, que empuinho, as mãos grosseiras
Não pôz Cantor profano;
Emprestou-m' a Verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára; e o vil Enzano,
O erro deshomano,
Sua face escondeu espavorido,
Guardando ser do mundo em fim banido.

EPODE 1.*

Dos Céos desce brilhando
A altaiva Independência, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado;
Eu a oigo dictando
Versos jamais ouvidos: Reis da Terra,
Tremei à vista do que ali se encerra.

STROPHE 2.*

Que montão de cadeas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante
Com pena de diamante,
Em breves regras escreven no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

ANTISTROPHE 2.*

O teu firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade sancta,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véu da Antiguidade,
Que à luz esconde a tua idade.

EPÔDE 2.^a

Da dor o austero braço
Sinto no afflito peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
O Géos ! que immenso espaço
Nos separa d'aqueles dores annos
Da vida primitiva dos humanos !

STROPHE 3.^a

Salve, dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho illuminava,
Quando da natureza sobre o collo
Sem temor a innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno esfurecido,
Que inda a terra não tinha conhecido.

ANTISTROPHÉ 3.^a

Dos fervidos Ethontes debruçado
Nos ares se sustinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha,
Quando nuvem mesquinha
De desordens seus raios eclipsando,
A Noite foi do Averno a fronte aleando.

EPÔDE 3.^a

Saiiu do centro escuro
Da Terra a desgrenhada Enfermidade:
E os braços com que, unida à Crueirade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo as campinas vai talando,
E os miserios humanos facerando.

STROPHE 4.^a

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura !
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Pra a mão de Ventura:
No rosto a liberdade traz pintada
De seus serios prazeres rodeada.

ANTISTROPHÉ 4.^a

Desponta, ego Amor, as setas tuas;
O pallido Ciúme,

Filho da Ira, com as vozes suas
Num peito lytre não accende o lume.

Em vão bramindo espume,
Que elle indo apóz a doce Natureza
Da Fantasia os erros nada preza.

EPODE 4.^a

Seyero volteando
As azas desegridas, não lhe pinta
O mubido futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de espectros cingindo a vil figura,
Do Sabio tornam a morada dura.

STRÓPHÉ 5.^a

Eu vejo o molle sonno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo Carcalha que encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

ANTISTROFÉ 5.^a

O' Razão, onde habitas ?... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do vicio; ou na dícosa
Calana virtuosa
Do selvagismo grosseiro ?... Dize... donde ?
Eo te chamo, ó philosopho ! responde.

EPODE 5.^a

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brillante e creadora,
Nos valles já sombria,
Apenas apparece; assim me prende
O homem natural, e o Estro accende.

STRÓPHÉ 6.^a

De tresdoblado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyranno
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do meu e ten o grito deshumano
Fez soar em sen danmo;
Tremeu a soezgada Natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empresa.

ANTISTRÓFHE 6.*

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio sen lambendo
Os cruéis Erros, e a torrente impia
Dos Vicios, que combatem, noite e dia.

EPÔDE 6.*

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantou o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

NOTA DO GENERAL STOCKLER.

Esta Ode onde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais belas composições deste genero escriptas na lingua Portugueza, e talvez mesmo que em todas as línguas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o author apenas vinte e um annos de idade, por occasião de uma disputa que, em conversação amigavel, casualmente se levantou entre mim e elle, ácerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João Jacques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia. Para terminal-a convidei eu o meu amigo a seguir friamente os meus raciocinios na analyse daquelle eloquente discurso, procurando fazêr-lhe sentir a falta de logica, que em quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por certo facil trazer a este ponto um manecbo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analisar com frieza uma composição que, devendo ser toda razão, é toda fogo, como quasi todos os escriptos que sahiram da pena daquelle homem extraordinario. Como quer que fosse, sempre convivemos por fim em que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil, ajustamos que o author, cuja brillante fantasia prometia elevar-o ao primeiro lugar entre os poetas lyricos Portuguezes, compusesse uma Ode Pindarica, na qual expuzesse com toda a pompa, e magnificencia poetica, o paradoxo de João Jacques Rousseau, enquanto que eu indicaria em uma Ode Horaciana a verdadeira origem, e as mais immedias vantagens do estado social.
